

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

PATRÍCIA HELENA WISNIESKI

JORNALISMO E HISTÓRIA:
O caso Berna a partir do recorte histórico de publicações da *Zero Hora*

São Leopoldo
2022

PATRÍCIA HELENA WISNIESKI

JORNALISMO E HISTÓRIA:

O caso Berna a partir do recorte histórico de publicações da *Zero Hora*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, pelo Curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientadora: Prof.^a Dra. Sabrina Franzoni

São Leopoldo

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todas as mulheres que lutaram para garantir que nós, mulheres, fossemos respeitadas pela sociedade. Ainda que estejamos longe de sermos livres e reconhecidas como iguais na diferença, hoje ocupamos os espaços que são nossos por direito.

Agradeço também ao meu companheiro Emerson, por incentivar minhas escolhas e dar todo o suporte necessário para que eu pudesse realizá-las.

Aos meus pais, Nelson e Helena, pelo apoio. À minha mãe por sempre incentivar os meus sonhos e a busca incansável pelo conhecimento. Ao meu pai por garantir que eu tenha acesso ao que é necessário para conquistar os meus objetivos.

Agradeço também à minha vó Tereza pelo amor encorajador, que foi indispensável para que eu continuasse lutando pelo que acredito e me tornasse a mulher que eu sou.

À professora Luciana Kraemer pelo auxílio durante a produção da primeira parte deste trabalho. Sem a sua ajuda, esta pesquisa não seria possível.

De forma ainda mais especial, agradeço à professora Sabrina Franzoni, que aceitou o desafio de me orientar durante a conclusão deste estudo. O acolhimento e a compreensão dela foram essenciais e fizeram com que todo o esforço valesse a pena.

Às minhas amigas Laura e Karolina por sempre estarem ao meu lado, dividindo as angústias e, sobretudo, comemorando todas as minhas conquistas.

Por fim, agradeço às amigas Amanda, Mayana e Thomás pela parceria e amizade ao longo destes sete anos de formação em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho buscou analisar o discurso construído pela *Zero Hora* sobre o caso *Berna*, crime de abuso sexual cometido por quatro jogadores do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* contra uma menina de 13 anos, em 30 de julho de 1987. Para esse estudo, foi necessário teorizar sobre o jornalismo como uma forma de conhecimento (MEDITSCH, 1997) e qual o seu papel na construção social da realidade (MEDITSCH, 2010; TRAQUINA, 2005). Além disso, estabelecer as relações entre o campo da história (ROMANCINI, 2007; BARBOSA, 2019) e o campo do jornalismo. Através da análise do discurso (BENETTI, 2016), metodologia adotada neste TCC, foram analisadas as publicações do jornal *Zero Hora*, nos 29 dias posteriores ao acontecimento, identificando aspectos discursivos que apontam para a vitimização dos jogadores e descredibilização e culpabilização da vítima.

Palavras-chave: caso Berna; *Zero Hora*; Discurso; Grêmio, Culpabilização; Vitimização.

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso
CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
ECA	Estatuto da Criança e Adolescente
FD	Formação Discursiva
SD	Sequência Discursiva
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
ZH	<i>Zero Hora</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1 JORNALISMO E CONHECIMENTO	9
2.1.1 Aspectos que determinam a produção de conhecimento pelo jornalismo.....	11
2.1.2 Jornalismo e construção social da realidade.....	13
2.1.3 Fatores que condicionam o conhecimento produzido pelo jornalismo	15
2.2 JORNALISMO E HISTÓRIA	18
2.2.1 A produção da imprensa como fonte histórica	20
3 METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO	22
3.1 Percurso Metodológico.....	24
3.2 Análise dos sentidos do caso Berna	26
3.2.1 Formação Discursiva (FD1) - Vitimização do Jogadores	30
3.2.2 Formação Discursiva (FD2) - Descredibilização e Culpabilização da Vítima	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	46
APÊNDICE A – LINK MAPEAMENTO DE SENTIDOS - ZH	50

1 INTRODUÇÃO

Os casos de violência contra as mulheres não são novidade nas páginas da imprensa brasileira. Apesar disso, a linguagem utilizada para representá-las, nos materiais jornalísticos, somente incorporou um discurso mais inclusivo e menos discriminador e machista ao longo dos últimos vinte anos, após a chegada do novo milênio e da aprovação de legislação mais protetiva.

No Brasil, principalmente após a constituição de 1988, considerada a constituição cidadã, que promoveu a criação de diversos estatutos, entre eles o da Criança e Adolescente (ECA), em 1990, e várias lei complementares, inclusive a de Defesa do Consumidor, começamos a perceber também uma alteração na maneira dos veículos de comunicação tratarem as mulheres nas matérias de violência. Em 2013, há um aumento nas lutas feministas motivadas por movimentos que já vinham se organizando internacionalmente e pelo avanço da legislação que buscava proteger a mulher contra a violência. Um conjunto de fatores contribuiu para essa situação, entre eles a criação das delegacias da mulher, de casas de apoio, de redes de apoio e o aumento das denúncias de violência e de instauração de medidas protetivas. Em 2015, é aprovada, no país, a Lei do Feminicídio (13.104/15), que torna esse tipo de homicídio, um crime qualificado e de caráter hediondo.

Neste sentido, anterior às legislações protetivas, este trabalho irá analisar as relações entre o jornalismo, em uma narrativa sobre violência de gênero, e a perspectiva histórica. Trata-se da cobertura jornalística de um veículo de periodicidade diária e de circulação nacional, mas de maior relevância no estado do Rio Grande do Sul, o jornal *Zero Hora*, atualmente *Gaúcha ZH*, sobre o *caso Berna*. Também denominado de *Caso Cuca*, o fato se refere ao crime de abuso sexual cometido por quatro jogadores do clube *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, em 30 de julho de 1987, contra uma menina de 13 anos. O fato, na época, foi amplamente divulgado pela imprensa tanto no RS, quanto no Brasil e no mundo.

O tema, deste Trabalho de Conclusão de Curso, surge da constatação da importância do *Caso* enquanto exemplo negativo de cobertura jornalística. Ainda nos dias de hoje, o fato ocupa manchetes em todo o país porque, além de se tratar de um abuso sexual de vulnerável, na época a imprensa brasileira fez parecer que os

jogadores eram inocentes da acusação. Apesar dos quatro jogadores terem sido condenados pelo crime, nenhum dos atletas cumpriu a pena estipulada no Brasil, pelo juiz suíço. Ao contrário disto, os jovens seguiram carreiras no futebol, atuando em diferentes times que compõem a série A do Campeonato Brasileiro. Um deles, Alexi Stival (Cuca), exerceu como trabalho mais recente (até dezembro de 2021) a função de treinador de um time reconhecido nacional e internacionalmente, o Clube Atlético Mineiro, de Minas Gerais. Time este que, sob seu comando, em 2021 se consagrou campeão da maior competição entre clubes profissionais da América do Sul, a Copa CONMEBOL Libertadores.

Outro ponto que torna o tema relevante é por envolver um dos times de futebol mais prestigiados do Rio Grande do Sul, o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. Desde a sua fundação, em 1903, o clube reúne milhares de torcedores e participa de campeonatos a nível estadual, nacional e mundial. Na ocasião, o time do *Grêmio* participava pela segunda vez da Copa *Phillips*, torneio amistoso realizado nos Países Baixos, na Europa, com patrocínio da empresa multinacional Philips. A Copa de 1987 é conhecida como *Torneio de Berna*, pois foi realizada no *Estádio Wankdorf* na cidade de Berna, Suíça, com organização do clube local *Berner Sport Club Young Boys*.

A pesquisa se faz necessária na medida em que se propõe a explorar a cobertura jornalística de um grande veículo de comunicação brasileiro sobre um acontecimento social do passado recente. O erro cometido pela imprensa na cobertura do *caso Berna* contribui para perceber, também, os avanços na forma de representar a violência contra a mulher nos espaços jornalísticos ao longo dos últimos anos. É o caso das reportagens que tratam do estupro cometido pelo jogador Robinho em 2013, que recentemente, em janeiro de 2022, foi condenado a 9 anos de prisão. De acordo com uma publicação do Estadão, replicada em *Gaúcha ZH*: “Robinho e Falco foram condenados com base no artigo "609 bis" do código penal italiano, que fala do ato de violência sexual não consensual forçado por duas ou mais pessoas, obrigando alguém a manter relações sexuais por sua condição de inferioridade "física ou psíquica"” (ROBINHO CONDENADO ESTUPRO, 2022). A matéria destaca informações apenas sobre o processo criminal e não dá margem para comentários em relação à vítima, ao contrário das publicações analisadas neste trabalho.

Assim, esta pesquisa busca evidenciar que, apesar dos avanços, o passado continua presente. A partir da análise da cobertura jornalística da *Zero Hora* sobre o caso *Berna*, um acontecimento que potencializou o debate sobre a representação da mulher pela imprensa, é possível problematizar tanto o acontecimento quanto a forma como foi tratado pelo jornalismo brasileiro. Deste modo, este trabalho tem como objetivo principal compreender quais os sentidos produzidos pela *Zero Hora* no discurso sobre o ocorrido. De forma específica, a pesquisa busca: a) estabelecer relações entre o jornalismo e a história, ressaltando que inevitavelmente os materiais produzidos pelo veículo naquele momento podem recontar o Caso ainda nos dias atuais; b) entender de que maneira o jornalismo produz conhecimento sobre os acontecimentos; c) mapear as publicações de *Zero Hora*, na época, sobre o caso *Berna* e perceber os sentidos construídos.

Este TCC está dividido em quatro capítulos, incluindo esta introdução. No capítulo 2, encontram-se as teorias que dão embasamento para a pesquisa. À luz dos estudos de Eduardo Meditsch (1997; 2010) sobre a relação entre jornalismo e a produção de conhecimento, busca-se compreender qual a participação da imprensa na construção social da realidade. Na continuação, o capítulo evidencia que os campos do jornalismo e da história (ROMANCINI, 2007; BARBOSA, 2019) estão associados, uma vez que ambos eternizam acontecimentos importantes através de suas publicações.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada neste trabalho: a Análise do Discurso (AD), de linha francesa. Por meio da sintetização do método, é possível entender como as publicações da *Zero Hora* constroem sentidos sobre o caso *Berna*, como foram analisadas as notícias mapeadas durante os 29 dias seguintes ao ocorrido e fundamentar as duas Formações Discursivas (FDs) identificadas, que apontam caminhos para o entendimento do discurso na época e a possibilidade de relação com a atualidade.

Por fim, no capítulo 4 encontram-se as considerações finais e, posteriormente, as referências bibliográficas. O trabalho conta ainda com um Apêndice, revelando a lista de matérias e sequências discursivas que foram fundamentais para a compreensão dos sentidos construídos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, o jornalismo será abordado através de duas perspectivas teóricas. A primeira, enquanto forma de conhecimento, por meio das teorias estudadas por Eduardo Meditsch em 1997 e, posteriormente, em 2010. A segunda, a partir da relação entre os campos do jornalismo e da história, afirmada nos estudos de Richard Romancini, em 2007, e de Marialva Carlos Barbosa, em 2019. Na reflexão de Meditsch, há uma identificação da relevância do senso comum para as produções jornalísticas e que estas sempre estão condicionadas à subjetividade de quem as produz. Na perspectiva, complementar, de Romancini e Barbosa, de que os campos da história e do jornalismo dialogam e que os eventos devem ser observados levando em conta o contexto em que estão inseridos.

2.1 JORNALISMO E CONHECIMENTO

Como questões teóricas, serão apresentados aspectos que delimitam o jornalismo enquanto forma de conhecimento e também enquanto agente ativo na construção social dos acontecimentos por ele noticiados. Fundamentado por análises desenvolvidas por Eduardo Meditsch em 1997 e 2010, o subcapítulo vai abordar o papel do senso comum na produção de conhecimento pelo jornalismo e o quanto isso reflete nos significados instigados pelos veículos de comunicação em seu público.

De acordo com uma das constatações do autor, “o Jornalismo eventualmente pode desinformar as pessoas, mas certamente também lhes ensina muita coisa útil” (MEDITSCH, 1997, pág. 11), é possível afirmar que o jornalismo naturaliza um dos seus pressupostos que é o de fornecer informação relevante, mesmo que às vezes isso não ocorra, sendo responsável por levar conhecimento às pessoas. Para comprovar esta alegação, Meditsch (1997) se debruçou sobre estudos da área, sustentando que o jornalismo tem um papel significativo na construção de conhecimento para a sociedade, embora este processo compreenda muitos aspectos que independem dele unicamente. Entre esses aspectos, Meditsch (1997) destaca que o fato do jornalismo operar no senso comum é indispensável para a compreensão do conhecimento produzido pela mídia. Este conhecimento muitas vezes é

desprezado pelo método científico, justamente por ter o senso comum como característica fundamental.

Meditich (1997) também destaca uma série de diferenças entre o conhecimento produzido pela ciência e pelo jornalismo. Entre elas, o conceito de que o jornalismo, ao contrário da ciência, tem como determinante para a sua produção a observação da realidade cotidiana e a percepção de fatos que se diferenciam em alguma especificidade, enquanto a ciência isola cortes da realidade para uma experimentação controlada. Meditsch (1997) salienta que o jornalismo tem sua própria forma de produzir e reproduzir o conhecimento e que este conhecimento é reconhecido pelo indivíduo que o recebe. Ele ressalta que há uma troca mútua entre o que é transmitido pelo jornalismo e o que é reconhecido pelo indivíduo, e que isto não ocorre de maneira passiva:

Nosso equipamento cognitivo não registra nem arquiva informações tal qual as recebe, antes as processa, classifica e contextualiza, reconstruindo a informação recebida a partir de esquemas de interpretação e informações prévias sobre o tema, o emissor e a situação comunicativa. (MEDITSCH, 1997, pág. 5).

Ou seja, as experiências prévias dos indivíduos determinam o conhecimento recebido por elas através do jornalismo. Segundo Meditsch (1997), ao mesmo tempo que a ciência produz um conhecimento sistemático e analítico, ela produz um conhecimento incompreensível pelas massas. O jornalismo, por sua vez, busca falar com todos os públicos, seja um operário, um físico, um advogado ou um filósofo. Meditsch (1997) diz ainda que, por produzir conhecimento para um público universal, o jornalismo devolve a transparência coletiva à realidade.

“O isolamento de variáveis é substituído pelo ideal de apreender o fato de todos os pontos de vista relevantes, ou seja, em sua especificidade” (MEDITSCH, 1990, pág. 72 apud MEDITSCH, 1997, pág. 8), por isso, o conhecimento produzido pelo jornalismo pode revelar perspectivas da realidade muitas vezes ignoradas pela ciência.

2.1.1 Aspectos que determinam a produção de conhecimento pelo jornalismo

Como anunciado anteriormente, o fato de operar no senso comum é fundamental para compreender o conhecimento produzido pelo jornalismo. De acordo com Meditsch (1997), ao mesmo tempo que isto representa sua força enquanto forma de conhecimento, é também sua fraqueza, visto que, justamente por operar no senso comum, o conhecimento produzido pode estabelecer uma percepção da realidade como dominante. “A questão do conhecimento que o jornalismo produz e reproduz e de seus efeitos pode ser demasiado estratégica para a vida de uma sociedade para ser controlada exclusivamente pelos jornalistas como grupo profissional ou pelas organizações” (MEDITSCH, 1997, pág. 12).

O autor deixa evidente que esta realidade pode ser determinada de maneira corrompida, pois depende dos interesses de quem a produz. Uma vez que é o senso comum quem estabelece atitudes como naturais, destacando a realidade comum a muitas pessoas, o jornalismo deve ter responsabilidade sobre os fatos noticiados por ele.

Se a cultura está para as sociedades assim como a memória para os indivíduos, como afirmam os antropólogos, é o senso comum a sua principal forma de manifestação. E se a ciência em particular (e a vida acadêmica em geral) se afirma em oposição ao senso comum, isto talvez explique a dificuldade que tem para compreender a natureza do jornalismo. Entender o senso comum é fundamental para compreender os processos cognitivos envolvidos na comunicação jornalística, e a participação do jornalismo na produção dos acontecimentos e, conseqüentemente, na construção da realidade. (MEDITSCH, 2010, pág. 14).

Ao mesmo tempo, o jornalismo não cria sozinho a realidade reproduzida por ele. Ainda que tenha certa participação neste processo, visto que a imprensa seleciona aquilo que será noticiado, assim como, qual será a abordagem sobre aquele fato, ele reproduz a realidade com um “olhar” definido majoritariamente pela objetividade do próprio acontecimento.

O relato de eventos não passa apenas por uma relação interna entre a subjetividade do locutor e a objetividade do mundo, mas também por processos exteriores e anteriores de construção da realidade que precisam ser levados em conta. [...] O jornalismo, como instituição, e seus agentes, participam de produção da realidade, especialmente no seu âmbito simbólico, mas nunca isoladamente, porém em diálogo permanente com os demais atores sociais. O jornalismo é também uma forma de objetivação da exteriorização do homem, entre outras tantas desenvolvidas pelas

tecnologias intelectuais contemporâneas. Um acontecimento relatado pelo jornalismo difere de um não relatado por ele talvez principalmente por este aspecto. (MEDITSCH, 2010, pág. 18).

A realidade reproduzida pelo jornalismo está necessariamente atribuída à objetividade do acontecimento em si. Genro Filho (1987 apud MEDITSCH 1997) afirma que mesmo que haja margem para a subjetividade de quem o produz, e possa carregar aspectos ideológicos, ela está limitada à objetividade. “O material do qual os fatos são constituídos é objetivo, pois existe independente do sujeito. O conceito de fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade, ou seja, na significação dessa objetividade pelos sujeitos” (GENRO FILHO, 1987, pág. 187 apud MEDITSCH, 2010, pág. 16).

Assim, Meditsch (1997) enfatiza que o jornalismo não revela mal, nem menos a realidade do que a ciência, apenas revela de forma diferente. Por não reproduzir só o próprio conhecimento gerado sobre um fato, mas sim conhecimentos produzidos por outras instituições sociais, ele tem um papel determinante na compreensão da vida, como um todo, pelas pessoas. Neste sentido, Meditsch (2010) cita a obra de Berger e Luckmann, publicada em 1966, elucidando que o jornalismo desenvolve um papel determinante ao demonstrar as massas a realidade que se sobressai entre as outras vivências do cotidiano:

Comparadas à realidade da vida cotidiana, as outras realidades aparecem como campos finitos de significação, enclaves dentro da realidade dominante marcados por significados e modos de experiência delimitados. A realidade dominante envolve-os por todos os lados, por assim dizer, e a consciência sempre retorna à realidade dominante como se voltasse de uma excursão. (...) Todos os campos finitos de significação caracterizam-se por desviar a atenção da realidade da vida cotidiana. Embora haja, está claro, deslocamentos de atenção *dentro* da vida cotidiana, o deslocamento para um campo finito de significação é de natureza muito mais radical. (...) A linguagem comum de que disponho para a objetivação de minhas experiências funda-se na vida cotidiana e conserva-se sempre apontando para ela mesmo quando a emprego para interpretar experiências em campos delimitados de significação. Por conseguinte, ‘destrorço’ tipicamente a realidade destes últimos logo assim que começo a usar a linguagem comum para interpretá-los, isto é, ‘traduzo’ as experiências não-pertencentes à vida cotidiana na realidade suprema da vida diária.” (...) “O físico teórico diz-nos que seu conceito do espaço não pode ser transmitido por meios linguísticos, tal como o artista com relação ao significado de suas criações e um místico com relação a seus encontros com a divindade. Entretanto, todos eles – o sonhador, o físico, o artista e o místico – também vivem na realidade da vida cotidiana. Na verdade, um de seus importantes problemas é interpretar a coexistência desta realidade com os enclaves de realidade em que se aventuram (grifos do autor). (BERGER E LUCKMANN, 1966, pág. 43-44 apud MEDITSCH, 2010, pág. 8).

Sendo assim, como diz Meditsch (1997), o conhecimento produzido pelo jornalismo não é democrático, uma vez que as pessoas conhecem coisas diferentes em intensidades diferentes, e ele deve se adaptar para atender minimamente o conhecimento prévio de toda a sua audiência.

Conforme Genro Filho (1987 apud MEDITSCH 1997), outro aspecto que determina a produção de conhecimento pelo jornalismo é a singularidade do próprio fato noticiado. “O singular, então, é a forma do Jornalismo, a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação trazida pelo particular e o universal que foram superados. O particular e o universal são *negados* em sua preponderância ou autonomia e mantidos como o horizonte do conteúdo” (grifos do autor) (GENRO FILHO, 1987, pág. 187 apud MEDITSCH, 1997, pág. 9).

Meditsch (1997) diz ainda que, por se revelar desta forma, através da singularidade, o jornalismo produz informação nova sem dificuldades. Ao mesmo tempo, destaca que, pelo mesmo fato, a novidade contida na notícia é limitada.

A revelação da novidade é um dado estrutural da retórica do Jornalismo - a conclusão a que conduz a sua argumentação. A forma com que chega a esta novidade também é diferente daquela utilizada pela ciência. Enquanto a ciência, abstraindo um aspecto de diferentes fatos, procura estabelecer as leis que regem as relações entre eles, o Jornalismo, como modo de conhecimento, tem a sua força na revelação do fato mesmo, em sua singularidade, incluindo os aspectos forçosamente desprezados pelo modo de conhecimento das diversas ciências. (MEDITSCH, 1997, pág. 8).

Assim, o autor diz que, enquanto a ciência precisa isolar um único aspecto e estabelecer uma relação entre ele e o todo para produzir conhecimento, o jornalismo produz conhecimento ao noticiar o aspecto em si.

2.1.2 Jornalismo e construção social da realidade

A participação do jornalismo na construção social da realidade é tema de estudos de diversos autores, entre eles Nelson Traquina. Ao analisar as teorias construcionistas, Traquina (2005) afirma que estes estudos deixam de considerar as notícias como um espelho da realidade porque a realidade transmitida pelos jornais é criada através do próprio jornalismo.

O filão de investigação que concebe as notícias como construção rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar, argumenta que é impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os *media* noticiosos que devem “refletir” essa realidade, porque as notícias ajudam a construir a própria realidade. [...] Em terceiro lugar, é da opinião de que os *media* noticiosos estruturam inevitavelmente a sua representação dos acontecimentos, devido a diversos fatores, incluindo os aspectos organizativos do trabalho jornalístico (grifos do autor). (TRAQUINA, 2005, pág. 168-169).

Traquina (2005) constata a participação da subjetividade na realidade apresentada pelo jornalismo e diz que dessa subjetividade perpassa, inclusive, o enquadramento escolhido para noticiar determinado fato.

A pirâmide invertida, a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples: quem? o que? onde? quando?, a necessidade de selecionar, excluir, acentuar diferentes aspectos do acontecimento - processo orientado pelo enquadramento escolhido - são alguns exemplos de como a notícia, dando vida ao acontecimento, constrói o acontecimento e constrói a realidade. (CAREY, 1986 apud TRAQUINA, 2005, pág. 174).

Isto é, o jornalismo constrói a realidade pela subjetividade do seu modo de produção, que inclui a escolha do enquadramento. Traquina (2005) destaca ainda que essa escolha é orientada pela forma como a realidade se apresenta para o jornalista: “Os acontecimentos propriamente ditos oferecem frequentemente um ponto de partida para a construção de enquadramentos mediáticos, apesar das discordâncias acerca do que “realmente” aconteceu” (grifos do autor) (WOLFSFELD, 1991, pág. 18 apud TRAQUINA, 2005, pág. 174).

Nesse mesmo sentido, Meditsch (2010) faz uma análise fundamentada da obra publicada em 1966 por Berger e Luckmann, e também das publicações de outros autores que a replicaram com a afirmação de que o jornalismo é responsável por criar a realidade. Ele confronta a interpretação dos autores com as teorias do jornalismo para compreender a construção social da realidade e também o modo como o jornalismo participa da produção do acontecimento.

Assim, nas duas únicas referências que fazem ao jornalismo nas 219 páginas de seu clássico tratado sobre a construção social da realidade, Berger & Luckmann jamais colocam a mídia numa posição central deste processo. Pelo contrário, relativizam os seus efeitos no processo de socialização na medida em que seus enunciados são escrutinados pelo indivíduo receptor, quer por sua experiência direta com os fatos ou temas relatados (por suas rotinas e vínculos institucionais), quer pela consideração da opinião das pessoas que lhes são próximas e mesmo nem tão próximas, pelas redes sociais de que participa. (MEDITSCH, 2010, pág. 5).

Desta forma, Meditsch (2010) ressalta que Berger e Luckmann sempre apontaram o jornalismo apenas como socializador do conhecimento, atuando tal qual a conversa na vida dos indivíduos. O autor destaca ainda que Berger e Luckmann passaram a considerar o jornalismo essencial na produção de sentido para seu público:

Uma palavra a respeito dos meios de comunicação de massa desde a atividade editorial até a televisão: como já se observou muitas vezes e acertadamente, essas instituições desempenham um papel-chave na orientação moderna de sentido ou, melhor, na comunicação de sentido. São intermediadoras entre a experiência coletiva e a individual, oferecendo interpretações típicas para problemas definidos como típicos. (BERGER E LUCKMANN, 1995, pág. 68 apud MEDITSCH, 2010, pág. 5).

Ou seja, o jornalismo atua como um facilitador na compreensão dos acontecimentos ao orientar os sentidos produzidos pelos fatos reproduzidos por ele.

2.1.3 Fatores que condicionam o conhecimento produzido pelo jornalismo

Nos dois textos analisados neste capítulo, Meditsch destaca fatores que condicionam o tipo de conhecimento produzido pelo jornalismo. Na obra de 1997, ele diz que, por ser um produto social, o jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, e também que a forma como ele é produzido interfere no tipo de conhecimento que ele produz.

A manipulação do sistema democrático, a disparidade crescente entre o topo e a base das sociedades, a disseminação dos preconceitos, estereótipos e ideologias dos poderosos não são criações do Jornalismo, embora ele eventualmente participe de tudo isso. Como produto social, o Jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições. Nenhum modo de conhecimento disponível está completamente imune a isto. (MEDITSCH, 1997, pág. 11).

Assim, Meditsch (1997) evidencia que, por se tratar do senso comum, o conhecimento produzido pelo jornalismo pode, muitas vezes, expressar ideias que se enquadram mais para um tipo de realidade, esta que pode não ser a ideal para outro tipo de audiência. Da mesma forma, Meditsch (2010) explica que, por ter como objeto principal a vida cotidiana, o jornalismo pode reforçar estereótipos e ideologias que não atendem ao universal.

A realidade da vida cotidiana contém esquemas tipificadores em termos dos quais os outros são apreendidos, sendo estabelecidos os modos como 'lidamos' com eles nos encontros face a face. Assim, apreendo o outro como 'homem', 'europeu', 'comprador', 'tipo jovial', etc. (...). Nossa interação face a face será modelada por estas tipificações, pelo menos enquanto não se tornam problemáticas por alguma interferência da parte dele. Mas a não ser que haja esta objeção, as tipificações serão mantidas até nova ordem e determinarão minhas ações na situação. (...) A realidade social da vida cotidiana é, portanto, apreendida num contínuo de tipificações, que se vão tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do "aqui e agora" da situação face a face. (...). A estrutura social é a soma dessas tipificações e dos padrões recorrentes de interação estabelecidos por meio delas. Assim sendo, a estrutura social é um elemento essencial na realidade da vida cotidiana (grifos do autor). (BERGER E LUCKMANN, 1966, pág. 49-52 apud MEDITSCH, 2010, pág. 12).

Essas tipificações são comuns ao jornalismo, visto que o público precisa se identificar com a realidade que ele está noticiando e esses estereótipos auxiliam a audiência a associar o fato noticiado com a vida cotidiana.

Meditsch (1997) aponta que a forma como o jornalismo é produzido interfere no tipo de conhecimento que ele produz. Assim, ele destaca dois pontos que ao mesmo tempo que fazem parte da essência do jornalismo, também enfraquecem o conhecimento produzido por ele. O primeiro é a falta de transparência sobre o processo de escolha dos fatos que serão apresentados como notícia:

A notícia é apresentada ao público como sendo a realidade e, mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por estes critérios, profissionais ou não. (MEDITSCH, 1997, pág. 11).

Já o segundo é em relação a velocidade em que ele é produzido. Conforme Meditsch (1997), isto não representa um problema, uma vez que o público para com quem ele se comunica necessita de informações rapidamente.

Ao mesmo tempo em que a velocidade representa um limite, representa também uma vantagem em relação a outros modos de conhecimento. A velocidade não é uma característica exclusiva do jornalismo, mas sim da civilização em que vivemos que, por funcionar assim, necessita de informações produzidas rapidamente. (MEDITSCH, 1997, pág. 11).

Isso pode significar que o jornalismo produz um conhecimento menos rigoroso que o produzido pela ciência, mas este conhecimento é muito menos artificial e atípico. Ainda neste sentido, Meditsch (1997) diz que, por necessariamente estar vinculado a um contexto, o conhecimento produzido pelo jornalismo é mais sintético e holístico do

que o produzido pela ciência. “O texto só adquire sentido dentro de um contexto. Isto dificulta tanto a sistematização quanto a acumulação destes conteúdos, contrariamente ao que ocorre com a ciência que isola o texto do contexto” (MEDITSCH, 1997, pág. 10).

Já em comparação com o campo da história, não há tantas discrepâncias: a relação entre as duas áreas por vezes se sobressai. Isso será percebido no subcapítulo a seguir, por meio das análises de Richard Romancini e Marialva Carlos Barbosa.

2.2 JORNALISMO E HISTÓRIA

Fica evidente, em uma primeira leitura, que os campos do jornalismo e da história se relacionam. Conforme Richard Romancini (2007) os dois campos de estudos têm uma ligação profunda, para além da pesquisa sobre a história do jornalismo, o jornalismo muitas vezes exerce o papel de fonte ou objeto central de estudos realizados pela história. De acordo com o autor:

Não são apenas os historiadores que recorrem a jornais para elaborar suas narrativas (e jornalistas que utilizam o conhecimento histórico), mas os jornalistas têm, por vezes, papel importante e ao mesmo tempo polêmico na elaboração da chamada “história imediata” (grifos do autor). (ROMANCINI, 2007, pág. 2).

Em uma de suas produções, Marialva Carlos Barbosa (2019) também destaca o papel do jornalista como o “historiador do instante”, enfatizando que o maior ponto em comum entre as duas áreas é que ambas se valem de um discurso baseado na cientificidade dos fatos. Embora os campos tenham relação direta, Romancini (2007) diz que a pesquisa em Jornalismo acaba sendo prejudicada pelo seu próprio modo de produção, que sempre abre brecha para uma série de subjetividades. “A pesquisa em Jornalismo é, no nosso entender, por vezes prejudicada por utilizar com baixa crítica uma noção histórica diretamente focada na narrativa jornalística como “visão histórica”” (grifos do autor) (ROMANCINI, 2007, pág. 2), ou seja, uma perspectiva derivada do campo profissional.

Essa preocupação é compartilhada por Barbosa (2019), com ressalvas ainda mais acentuadas que Romancini (2007): a autora diz que, da maneira como é produzido, o jornalismo sempre traz aspectos que vão além da própria realidade retratada.

Usar a imprensa como fonte requer alguns cuidados que dizem respeito ao cenário de produção desses textos que coloca no centro da reflexão a intencionalidade com que foram produzidos. Marcar na própria coleção aquele periódico como emblema de uma época, produzir uma memória partilhada em momentos de comemoração, por exemplo, não indica a veracidade das descrições, mas permite descortinar que imagem interessava ao próprio periódico construir sobre si mesmo. (BARBOSA, 2019, pág. 5).

No entanto, Barbosa pontua que a história também está condicionada à subjetividade do pesquisador. “O passado [...] é um lugar completado pela imaginação

e produto da interpretação de um historiador que conta uma história imerso nas possibilidades do grau de consciência histórica do tempo de sua vivência" (BARBOSA, 2019, pág. 6).

A relação entre os campos se aproxima em outros dois pontos: por ambos terem o ser humano como centro de suas narrativas, é essencial que tanto o jornalismo quanto a história compreendam quais sentidos foram produzidos pelos cidadãos na ocasião que está sendo retratada pelo pesquisador em sua produção. Para Barbosa (2019, pág. 3):

Nenhuma narrativa existe fora do ato humano de produção de sentido. Narrativa pode, então, ser definida como a maneira como produzimos nossa existência em atos corriqueiros e banais, ou seja, na história. [...] A produção de sentido se converte em configuração de um novo texto que volta ao mundo produzindo novas compreensões, explicações e, por fim, transformações.

A veracidade das informações trazidas pela imprensa também é questionada pelos dois autores citados. Romancini (2007) destaca que este pode ser um dos motivos que ocasionaram a relativa demora para que os jornais passassem a ser considerados como fontes históricas. "Sem dúvida, a insegurança e baixa utilização dos dados dos jornais pelos historiadores também está ligada a uma postura epistemológica, sobre o tipo de conhecimento que pode propiciar a análise do material da imprensa" (ROMANCINI, 2007, pág. 10).

Nesse sentido, Barbosa (2019) diz que a verdade depende da interpretação e que ela está longe de ser absoluta, pois deriva das fontes de informação que só existem a partir da pergunta e do olhar do pesquisador.

As fontes não existem em essência e nem são dotadas de uma neutralidade capaz de espelhar verdades. Os vestígios do passado, sejam eles um testemunho ou um documento, só se transformam em fontes históricas no momento em que o pesquisador lhes atribui essa qualificação. [...] Da mesma forma, é preciso enfatizar que as fontes não são dotadas de questões intrínsecas, dependendo sempre das teias interpretativas que lhes são lançadas, a partir de perguntas que são formuladas pelos pesquisadores. (BARBOSA, 2019, pág. 4).

A autora diz ainda que "não há verdade essencialista nos sentidos que são expressos, seja nas articulações textuais, seja nas articulações memoráveis". (BARBOSA, 2019, pág. 7). Ou seja, os materiais produzidos pela imprensa ao longo do tempo têm tanto valor quanto qualquer documento utilizado pela história, uma vez

que a verdade contida neles depende das questões que serão levantadas pelo pesquisador ao recontar determinado acontecimento.

2.2.1 A produção da imprensa como fonte histórica

Ao contextualizar as mudanças ocorridas no campo da história ao longo do tempo, Romancini (2007) diz que as fontes foram ampliadas devido a uma adequação nas estruturas utilizadas. Assim, de acordo com o autor, essas estruturas possibilitaram à história analisar a conjuntura de cada acontecimento histórico como um todo. Além disso, Romancini (2007) explica que cada vez mais há uma nítida aproximação com o contemporâneo, ou pelo menos com um tempo histórico mais próximo do historiador, que passa a utilizar técnicas de investigação mais tradicionais nas ciências sociais, como o questionário, a entrevista, a análise da documentação de indivíduos, o estudo do conteúdo da literatura e da mídia.

Barbosa (2019) exemplifica a utilidade de um documento para o resgate histórico através de um texto escrito por um escravo em 1861, ressaltando que apesar de tantos anos terem se passado, essa escrita preserva a existência dele pois se reconfigura no tempo.

As tecnologias comunicacionais, aqui representada pela documentação escrita que perdurou, são, portanto, mais do que fontes históricas. São documentações da vida narrativa de seres que, ao viver, viveram na história produzindo elos permanentes de uma vida comunicacional. Não são meros documentos, são signos vivos de uma existência narrativa. (BARBOSA, 2019, pág. 6).

Isso acontece porque, ainda segundo Barbosa (2019), ao revelar aquele momento histórico, as tecnologias comunicacionais “deixam transparecer vivências, sonhos, projetos e, sobretudo, sofrimentos cotidianos” (BARBOSA, 2019, pág. 7).

Levando isso em consideração, Romancini (2007) aponta que, muitas vezes, a pesquisa em jornalismo necessita de uma abordagem interdisciplinar e de estratégias metodológicas variadas para interpretar problemáticas do campo da história. Através de produções de pesquisa em jornalismo, o autor diz que sempre há, nestes trabalhos, uma preocupação com a cientificidade exigida pelo campo da história.

Já em relação às limitações do jornalismo sobre o campo da história, Romancini (2007) pontua que, justamente pela forma como é produzida, muitas vezes, a pesquisa em jornalismo atende demandas que não são propriamente científicas, pois buscam alcançar um público muito grande e diversificado. Dessa forma, alguns produtos estão muito mais relacionados a um campo cultural do que científico.

Isso não representa em si um demérito, mas sim o fato de que esse tipo de produção responde, de modo geral, a demandas que não estão, também na maioria dos casos, em causa no produto científico, ou seja, procura atingir um virtual grande público (daí certas formas textuais diferentes da exposição científica), descrições históricas sobretudo episódicas e bem menos analíticas ou de caráter abrangente. (ROMANCINI, 2007, pág. 14).

Ainda assim, Romancini (2007) destaca que a descrição e análise dos jornais apresenta contribuição para a história do jornalismo. “O tradicional fôlego investigativo dos jornalistas, sua capacidade de estabelecer boas interações pessoais com fontes de informação, preocupação com a clareza na produção textual são algumas qualidades que podem e devem ser levadas de um campo a outro” (ROMANCINI, 2007, pág. 16), ou seja, ambos trabalham a partir de elementos essenciais tanto do campo profissional do jornalismo quanto do campo científico da história.

A partir da leitura desses autores, é possível afirmar que as produções jornalísticas podem ser utilizadas como fonte histórica para recontar um acontecimento, mas que vários fatores interferem na veracidade deste relato. No próximo capítulo, inicia a metodologia utilizada para analisar o discurso estabelecido pela *Zero Hora*, em um momento que ficou marcado na história do veículo de imprensa, para noticiar o estupro cometido pelos jogadores do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*.

3 METODOLOGIA: ANÁLISE DO DISCURSO

Conforme Márcia Benetti (2016), a Análise do Discurso (AD), de linha francesa, é uma forma de problematização da linguagem que busca entender a subjetividade por trás dos discursos, sejam eles textos de mídias tradicionais e de organizações; textos autônomos, como grafites e tatuagens; ou textos metodológicos, produzidos por meio de outra metodologia. Benetti (2016) considera alguns conceitos como fundamentais para compreender a AD. Entre as noções, o dialogismo, que é dividido em dois 'sub-conceitos': a intersubjetividade, que aborda a relação entre os sujeitos, e a interdiscursividade, que interpreta a relação entre os discursos.

A intersubjetividade é fundamental, porque na Análise do Discurso o texto não é considerado como um objeto com o qual se relacionaria um sujeito. A relação se dá sempre entre sujeitos, e o texto é uma materialidade discursiva em potência, que se concretiza ao produzir sentidos por um sujeito que o enuncia ou o interpreta. (BENETTI, 2016, pág. 236).

Assim, para entender a intersubjetividade, segundo Benetti (2016), é preciso trabalhar com a ideia de formação imaginária, que determina a posição dos sujeitos em um enunciado. Benetti (2016, pág. 237) explica que:

Por exemplo, a "posição mãe", e mais particularmente mãe em uma cultura e em uma época, é uma posição de sujeito já um tanto estruturada que uma mulher específica vem ocupar para enunciar, e quando enuncia já não o faz de modo totalmente livre, mas de um modo transformado pela representação daquele lugar no processo discursivo. Esse modo transformado ocorre porque ela, que enuncia, incorpora algo (quase tudo, muito, pouco, quase nada?) daquele lugar onde se posiciona para enunciar, mas também porque seu discurso é uma potência que se concretiza quando o interlocutor recria seus sentidos (grifos do autor).

Isso quer dizer que os sujeitos sempre estão carregados de subjetividade, assim como, a audiência que vai receber a mensagem. Benetti (2016) afirma que essa subjetividade do sujeito condiciona tanto o discurso quanto os sentidos produzidos sobre ele, pois é resultado de imagens construídas social e historicamente.

Ainda assim, este sujeito do discurso não fala com plena liberdade, pois é assujeitado pelas condições históricas materiais, pela ideologia e pela cultura. Não sendo totalmente livre, também não é totalmente assujeitado, havendo uma tensão importante entre o que o constitui socialmente e o que ele traz de único. (BENETTI, 2016, pág. 239).

Neste sentido, Benetti (2016) afirma que entender o sujeito e a subjetividade por trás dele é indispensável para a Análise do Discurso. Essa relação trata ainda, de acordo com a autora, do processo de escolha de enquadramento para enunciar determinado fato e do papel que os estereótipos desempenham na construção de sentidos sobre a publicação.

Já em relação ao segundo 'sub-conceito' de dialogismo, a interdiscursividade, Benetti (2016) diz que todo discurso carrega traços de discursos realizados anteriormente. Dessa forma, as definições de formação discursiva (FD) e de formação ideológica são consideradas fundamentais para compreender a subjetividade presente nos enunciados.

Basicamente, uma formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito, em oposição ao que não pode e deve ser dito, em uma posição dada e em uma conjuntura dada. Grosso modo, uma formação discursiva é uma região razoavelmente delimitada de sentidos que correspondem a uma determinada perspectiva ou ideologia (formação ideológica), e o sujeito se posiciona em um lugar para enunciar já inscrevendo os sentidos naquela formação discursiva. (BENETTI, 2016, pág. 240).

Ou seja, quando um sujeito se posiciona em determinado lugar para passar uma mensagem, ele parte de uma série de estereótipos previamente estabelecidos e deve corresponder ao discurso esperado pela audiência a partir disso. Essa formação discursiva é embasada em uma formação ideológica, determinando o que deve e pode ser dito pelos sujeitos.

Desta maneira, conforme Benetti (2016), o texto vai adquirindo sentidos que irão ao encontro dos sentidos preexistentes no leitor. Por isso, a autora destaca a diferenciação conceitual entre leitor real e leitor imaginário:

O leitor não interage "com o texto", e sim com outro sujeito. Temos aqui uma distinção conceitual importante para a AD, entre o leitor real (que efetivamente se apropria do texto e lhe confere sentidos) e o leitor imaginado ou virtual (aquele para quem o texto foi idealmente orientado no momento de sua produção) (grifos do autor). (BENETTI, 2016, pág. 238).

Benetti (2016, pág. 239) afirma ainda que "o discurso acontece no espaço entre os sujeitos, e por isso ele é efeito de sentidos entre interlocutores". Com isso, a autora quer dizer que não existe um sentido literal residindo no texto, mas sim que "existe

uma materialidade textual que carrega sentidos potenciais, e os sentidos são produzidos na relação intersubjetiva” (2016, pág. 239).

Benetti (2016) deixa evidente que é preciso considerar que tanto quem enuncia quanto quem interpreta incorpora sentidos aos sentidos impostos pelo texto e, por isso, aponta que há dois movimentos de construção de sentidos presentes nos discursos: a paráfrase e a polissemia. “Todo discurso se faz na tensão entre o retorno ao mesmo e a tendência à ruptura. [...] Ao movimento da repetição dá-se o nome de paráfrase; ao movimento de deslocamento, abertura de sentidos, ruptura dos processos de significação, dá-se o nome de polissemia” (BENETTI, 2016, pág. 241).

Por fim, Benetti (2016) explica que para analisar os sentidos de um discurso é preciso considerar a existência das camadas discursiva e ideológica nos textos. Dessa forma, a autora diz que todos estes elementos, fundamentados por questões de pesquisa relevantes, compreendem a análise dos sentidos.

3.1 Percurso Metodológico

A partir da teoria estudada e de publicações da *Zero Hora*, datadas entre primeiro e 29 de agosto de 1987, é possível analisar o discurso que foi estabelecido pelo veículo para retratar o *caso Berna* nos dias seguintes ao acontecimento.

As matérias jornalísticas reunidas neste trabalho foram mapeadas na internet, através da rede social *Twitter*, e disponibilizadas de forma pública pelo usuário “Renata de Medeiros (@rmedeirosrenata)”. O perfil evidencia que os textos foram recuperados para uma produção do programa televisivo de alcance nacional *Esporte Espetacular*, da TV Globo.

É importante destacar que, para a realização deste trabalho, foram solicitadas cópias das matérias para a *Gaúcha ZH*, que atualmente corresponde a *Zero Hora*, mas que estas não foram disponibilizadas pela empresa, a não ser mediante pagamento e sem garantias de que o material seria fornecido no prazo de seis meses, em função da pandemia de Covid-19. Assim, foi utilizado um critério de reconhecimento de elementos presentes nas páginas encontradas livremente na internet, sendo possível identificar que as mesmas foram produzidas pelo veículo *Zero*

Hora, além de considerar a veracidade da declaração da repórter Renata de Medeiros, que disponibilizou as matérias coletadas para elaboração do *Esporte Espetacular*.

Listagem das Matérias por ordem cronológica

Matéria 1 (M1) – 1 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Quatro jogadores do Grêmio presos na Suíça.*

Matéria 2 (M2) – 2 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Ainda presos.*

Matéria 3 (M3) – 3 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Jornais abrem manchetes.*

Matéria 4 (M4) – 4 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Jogadores do Grêmio causam preocupação aos familiares.*

Matéria 5 (M5) – 9 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Os problemas com a lei suíça.*

Matéria 6 A¹ (M6, A) – 19 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Como o caso é visto em Berna.*

Matéria 6 B (M6, B) – 19 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Ingenuidade.*

Matéria 7 (M7) – 22 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Cuca escreve cartas com pedidos de perdão.*

Matéria 8 (M8) – 24 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Sandra festeja com o Young Boys.*

Matéria 9 A (M9, A) – 29 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Jogadores, livres e de volta à casa.*

Matéria 9 B (M9, B) – 29 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *O processo vai continuar.*

Matéria 9 C (M9, C) – 29 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *O desabafo dos quatro acusados.*

¹ Matérias publicadas no mesmo dia estão identificadas como A, B, C, D e assim sucessivamente.

Matéria 9 D (M9, D) – 29 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *A história do apartamento 204.*

Matéria 9 E (M9, E) – 29 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Uma aventura muito cara para o Grêmio.*

Matéria 9 F (M9, F) – 29 de agosto de 1987. Jornal Zero Hora. *Uma recepção festiva, garantem os familiares.*

No subcapítulo, a seguir, é realizada a análise das nove matérias que foram listadas acima. É importante assinalar que as sequências discursivas, trechos que ilustram os sentidos, estão recuadas e entre aspas para diferenciá-las das citações de autoria teórica. Além disso, as matérias são identificadas como M1, M2, M3 e assim sucessivamente. As sequências são numeradas em ordem crescente, indo da primeira até a última matéria.

3.2 Análise dos sentidos do caso Berna

No total foram identificadas 61 Sequências Discursivas (SD), que possibilitaram a identificação de duas Formações Discursivas (FDs). É importante assinalar que em vários casos a mesma sequência discursiva pode ser utilizada para ilustrar as duas formações discursivas identificadas.

A primeira Formação Discursiva (FD1), denominada de vitimização dos Jogadores, reúne 24² sequências discursivas com os seguintes sentidos: defesa de que eram corretos moralmente, infantilização dos atletas, alegação de que houve uma conspiração para atingir os jogadores, de que foram passivos na história, de negação do ocorrido, de que os jogadores já fizeram muito pelo Brasil, de que agiram de forma inocente com a garota, de que eram inocentes e que deveriam ser recompensados por tudo o que passaram na Suíça.

A segunda Formação Discursiva (FD2), denominada de descredibilização e culpabilização da vítima apresenta 19 sequências discursivas com os seguintes

² As sequências discursivas (SDs) que exemplificam ambas as Formações Discursivas (FDs) encontradas nas publicações da *Zero Hora* foram somadas separadamente ao total de cada uma das duas.

sentidos: descrença de que o crime ocorreu, de que a garota era dissimulada, de que era a responsável pelo que ocorreu, de que provocou a situação, de que por ser estrangeira e de costumes diferentes incentivou o ocorrido, de que era inconsequente, de que as mulheres suíças são pervertidas, de que usaram os jogadores para interesses próprios, de afirmações de deboche sobre o ocorrido, de que ela foi esperta, de que era petulante, de que era desafortada e promíscua.

A seguir, alguns exemplos da ocorrência das duas FDs. Casos em que os sentidos estão presentes no mesmo trecho selecionado, o que não é incomum e acaba sendo utilizado como estratégia para reforçar o discurso contra a vítima.

Na primeira sequência discursiva selecionada (SD1), identificada na matéria *Quatro jogadores do Grêmio presos na Suíça* (M1), do dia primeiro de agosto de 1987, é possível identificar, na fala do vice-presidente do *Grêmio*, Raul Régis, as palavras “sorridente” e “caçadora de autógrafos”, que expressam sentidos de descrença nos fatos relatados pela vítima. A utilização do termo “caçadora de autógrafos” constrói a imagem de que a jovem estava à procura dos jogadores, o que é reforçado na continuação da sequência com a utilização do conector “entretanto”.

A conjunção “entretanto” traz um sentido de que a garota é dissimulada, que cometeu uma hipocrisia, pois depois de “sorrir” e “exibir a camisa do Grêmio” ela denunciou os jogadores por violência sexual.

“Segundo o vice-presidente Raul Régis, ela saiu sorridente, exibindo uma camisa do Grêmio e parecia uma simples caçadora de autógrafos. Entretanto, algumas horas mais tarde, o hotel foi invadido por agentes da polícia, que prenderam os jogadores para confirmar a queixa de violência sexual apresentada pela garota”. (SD1, QUATRO JOGADORES DO, 1/08/1987).

Na sequência discursiva SD11 da matéria *Jogadores do Grêmio causam preocupação aos familiares* (M4), de quatro de agosto de 1987, na fala de Fernando Etges, irmão de Henrique, a frase “não está suficientemente maduro” passa o sentido de infantilização do jogador, pois ele não estava preparado para encarar uma situação como essa. Na continuação, o uso das palavras “confusão em torno da gurizada”, “se” e “a garota foi lá se oferecer para eles” indicam descrença na acusação da vítima e apontam ainda para a culpabilização da mesma pelo ocorrido.

“Mesmo com 20 anos e toda experiência que ele tem de viagens internacionais, o Henrique não está suficientemente maduro para assimilar este tipo de coisa. Por isso, é que o pai e a mãe estão traumatizados com toda esta confusão em torno da gurizada que, se fez alguma coisa, é porque a garota foi lá se oferecer para eles”. (SD11, JOGADORES DO GRÊMIO, 4/08/1987).

Na sequência discursiva SD15 da matéria *Os problemas com a lei suíça* (M5), do dia nove de agosto de 1987, os trechos “surpreendeu com a rapidez e a rigidez da polícia daquele país”, “costumes” e “diferem muito do Brasil” passam o sentido de que o caso só estava acontecendo por conta das diferenças culturais entre os países.

“Para quem se surpreendeu com a rapidez e a rigidez da polícia daquele país, é necessário explicar que os costumes, a justiça e a aplicação da lei na Suíça diferem muito do Brasil”. (SD15, SILVA, 9/08/1987).

Isso é confirmado na SD16 da mesma matéria, através das frases “são vítimas de um lugar com costumes diferentes do Brasil”, “mulher brasileira teme denunciar” e “na Europa isso não ocorre”, que buscam contextualizar o leitor que esta diferença cultural é a razão do problema dos jogadores e não o fato deles terem mantido relação sexual com uma menina menor de idade. Inclusive, isso é reforçado pelo uso da expressão “mulher brasileira” ao comparar a denúncia feita pela adolescente Sandra.

“Cuca, Fernando, Henrique e Eduardo, segundo Grabin, são vítimas de um lugar com costumes diferentes do Brasil. Enquanto a mulher brasileira teme denunciar uma agressão sexual, para não se expor ao preconceito, na Europa isso não ocorre”. (SD16, SILVA, 9/08/1987).

Já na SD22 da matéria *Como o caso é visto em Berna* (M6, A), de 19 de agosto de 1987, os trechos “o problema dos jogadores do Grêmio com Sandra Pfaffli”, “ela tem apenas 13 anos” e “ficaram muito espantados quando receberam esta informação” buscam justificar o acontecimento. O uso das palavras “o problema dos jogadores” e “ficam muito espantados” indicam o sentido de que o único erro dos atletas foi ter aceitado a proposta da menina.

“O problema dos jogadores do Grêmio com Sandra Pfaffli foi exatamente este: ela tem apenas 13 anos (e Fernando, Cuca, Henrique e Eduardo ficaram muito espantados quando receberam esta informação)”. (SD22, COMO O CASO, 19/08/1987).

Na sequência discursiva SD47 da matéria *A história do apartamento 204* (M9, D), de 29 de agosto de 1987, os termos “ocupantes” e “Sandra chegou com seus dois

amigos” passam o sentido de que os jogadores são vítimas. Isto é reforçado em seguida, com as expressões “um dos amigos de Sandra informou”, “sem qualquer constrangimento” e “ela gostaria de transar com um dos jogadores”, demonstrando que a garota era culpada e os jogadores foram passivos na história. Há também a repetição do nome “Sandra” nas duas frases, o que faz com que o leitor naturalize a partir do nome dela, o interesse de alguém que quer transar e que o jogador “topou”, aceitando logo “a oferta”, não destacando o fato de se tratar de uma menina de 13 anos que foi estuprada por quatro homens.

“Os ocupantes do apartamento 204, eram Henrique e Eduardo, e Sandra chegou com seus dois amigos. Cuca e Fernando apareceram logo em seguida, e foi aí que um dos amigos de Sandra informou, sem qualquer constrangimento, que ela gostaria de transar com um dos jogadores, que também topou logo a oferta”. (SD47, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Na matéria *Uma aventura muito cara para o Grêmio* (M9, E), também de 29 de agosto de 1987, há, na SD58, uma culpabilização da garota por ter colocado os jogadores naquela situação. As frases “situações vexatórias”, “ação enérgica dos policiais, empunhando metralhadoras” e, sobretudo, em “brasileiros colocados em situação constrangedora” buscam aproximar o leitor da situação vivida pelos jogadores através do reconhecimento de nacionalidade. Há também uma vitimização dos jogadores, uma vez que eles foram vítimas de uma ação desnecessária por parte dos policiais.

“A delegação gremista passou por situações vexatórias logo após a denúncia de estupro, feita pela garota Sandra Pfaffli contra os quatro atletas. Dirigentes e jogadores foram surpreendidos ainda no hotel pela ação enérgica dos policiais, empunhando metralhadoras. [...] Lá, a garota Sandra apontou os quatro “culpados” entre aquele grupo de brasileiros colocados em situação constrangedora, com as mãos na parede”. (SD58, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Estas são algumas das sequências em que ambas as formações discursivas aparecem. A seguir, serão apresentados os trechos com sentidos que integram a FD1, que reúne afirmações em que os jogadores aparecem como vítimas da menina, do país e do acontecimento.

3.2.1 Formação Discursiva (FD1) - Vitimização do Jogadores

Na sequência discursiva (SD2), da matéria *Quatro jogadores do Grêmio presos na Suíça* (M1), o vice-presidente do Grêmio, Raul Régis, enfatiza que os jogadores foram vítimas da menina, por meio das palavras “trama, armada não sei com que objetivo”, “escolheram” e “mais jovens do grupo”. As frases que seguem na fala do representante do clube indicam que, além da farsa inventada pela garota, os jogadores foram vítimas daquele país, com as palavras “truculência dos policiais” e “prepotência das autoridades”. A sequência termina passando o sentido de alívio pelo vice-presidente, através dos termos “mas já” e “estão muito bem”, buscando confortar os leitores sobre a situação vivida pelos atletas na Suíça.

“Foi uma trama, armada não sei com que objetivo. Escolheram os jogadores mais jovens do grupo e os envolveram. Nós ficamos revoltados com a truculência dos policiais e a prepotência das autoridades. Mas já conseguimos visitar os jogadores e eles estão muito bem”. (SD2, QUATRO JOGADORES DO, 1/08/1987).

No dia dois de agosto de 1987, o caso retorna ao jornal informando que os jogadores continuam presos. Na sequência discursiva SD4 da matéria *Ainda presos* (M2) encontram-se os termos: “agravante das acusações”, “simples contato sexual com menores” e “mesmo que não tenha havido violência”, que produzem sentidos de justificativa para o que os atletas fizeram. É preciso ressaltar que no Brasil, em 1987, não havia leis de proteção à criança e ao adolescente e as expressões destacadas evidenciam que esse tipo de relação era naturalizada pela imprensa, que não fez qualquer ressalva. A sequência discursiva traz, ainda, o sentido de vitimização dos jogadores através das palavras “inclusive estão incomunicáveis”, completando que houve tentativa de mudar a situação através da embaixada brasileira. Em momento algum os jogadores são tratados como criminosos ou como estupradores no texto.

“O agravante das acusações é que em alguns países da Europa o simples contato sexual com menores é considerado estupro, mesmo que não tenha havido violência. Os jogadores inclusive estão incomunicáveis, apesar de uma tentativa de intervenção da embaixada brasileira”. (SD4, AINDA PRESOS, 2/08/1987).

No dia quatro de agosto de 1987, a matéria *Jogadores do Grêmio causam preocupação aos familiares* (M4) traz relatos dos familiares dos atletas, buscando sensibilizar os leitores sobre a perversidade que estava acontecendo com eles na

Europa. Na sequência discursiva SD7, a frase “pais, mães, mulheres, irmãos e irmãs não acreditam” busca fazer com que os leitores se identifiquem com a situação vivida pelos esportistas.

“Pais, mães, mulheres, irmãos e irmãs não acreditam que Eduardo, Henrique, Cuca e Fernando tenham estuprado uma menina de 14 anos, em Berna, Suíça, na semana passada”. (SD7, JOGADORES DO GRÊMIO, 4/08/1987).

Na SD8, da mesma matéria, as palavras "chocados" e “rigor das leis suíças” passam o sentido de que foi algo inesperado e que os jogadores foram vítimas de um país com leis mais rigorosas que o Brasil e, por isso, poderiam ficar presos “por mais tempo” do que mereciam.

“Todos ficaram muito chocados com a prisão dos quatro jogadores e há, entre os seus familiares, o temor que eles fiquem detidos por mais tempo, por causa do rigor das leis suíças”. (SD8, JOGADORES DO GRÊMIO, 4/08/1987).

Na SD10, ainda da matéria *Jogadores do Grêmio causam preocupação aos familiares* (M4), na fala de Haidé Hamester, destacam-se as frases: “sabemos”, “boa formação moral”, “não precisa agredir nem violentar ninguém para satisfazer seus desejos”, “calmo”, “tranquilo”, e “tem muitas namoradas por aqui”, que passam os sentidos de que o jovem tem boa índole e por isso é impossível acreditar que ele tenha participação no ocorrido. Por outro lado, temos o não dito, o que está silenciado na fala da mãe e por consequente na matéria, como: se ele satisfizesse seus desejos sexuais foi porque ela consentiu, ele não precisa dela pois tem muitas namoradas à disposição. Dessa forma, a publicação da *Zero Hora* reforça que a menina de 13 anos era quem tinha má índole e não tinha formação moral, fazendo com que os leitores reconheçam no jogador um “guri” inocente, calmo e tranquilo que não faz mal a ninguém.

“A gente ficou estarecido, disse dona Haidé, pois sabemos que o Eduardo tem uma boa formação moral e não precisa agredir nem violentar ninguém para satisfazer seus desejos sexuais. Ele é um guri calmo, tranquilo e que tem muitas namoradas por aqui, que vivem atrás dele”. (SD10, JOGADORES DO GRÊMIO, 4/08/1987).

Na SD12, também da matéria M4, na fala de Fernando Etges, o trecho “nenhum deles se prestaria para estuprar uma menina” transmite o sentido de que os jogadores

jamais se colocariam nessa situação. Com a palavra "principalmente", a afirmação é confirmada, demonstrando que era impossível que os atletas estivessem envolvidos.

“Acho que nenhum deles se prestaria para estuprar uma menina, principalmente estando em um país estrangeiro”. (SD12, JOGADORES DO GRÊMIO, 4/08/1987).

Seguindo na matéria M4, a SD13 traz a esposa de Cuca, Rejane Stival, que expressa, através dos termos “sei” e “não é capaz”, os sentidos de integridade do atleta, uma vez que ela, por ser a esposa, conhece a índole dele. Na continuação, a frase “ele sabe que não precisa” evidencia o sentido de que Rejane sabe do que está falando, passando confiança para o público.

“Estou casada com o Cuca há dois anos e, por isso, sei o homem que tenho ao meu lado todo este tempo. Tenho certeza que ele não é capaz de fazer este tipo de bobagem. Ele sabe que não precisa”. (SD13, JOGADORES DO GRÊMIO, 4/08/1987).

Na SD26 da matéria *Cuca escreve cartas com pedidos de perdão* (M7), do dia 22 de agosto de 1987, a *Zero Hora* publica entrevista realizada com o jogador Cuca dentro da prisão. O trecho “encontrou um jogador muito preocupado -especialmente com a família” passa o sentido de que o atleta não está pensando nele, mas sim no sofrimento que causou a sua família.

“Sexta-feira à tarde, o vice-presidente do departamento jurídico Luis³ Carlos Silveira Martins, voltou ao castelo-prisão de Burgdorf, a 20 quilômetros de Berna, para falar pela segunda vez com o meio-campo Cuca. Novamente encontrou um jogador muito preocupado -especialmente com a família- mas muito animado após a visita”. (SD26, DIENSTMANN, 22/08/1987).

Na continuação da M7, a SD27 reforça essa sensibilização do jogador para com seus familiares, através da frase “levanto cedo, durmo cedo, como bem, penso na minha família, na dor que eu causei a todos”. Os sentidos indicados são de que apesar do acontecido, o atleta não se abala, e que mesmo assim está preocupado, sobretudo, com a sua família e com a manutenção do corpo saudável.

“ZH - Qual é a sua rotina diária em Burgdorf? CUCA - Levanto cedo, durmo cedo, como bem, penso na minha família, na dor que eu causei a todos. Aqui procuro lembrar que sou um jogador de futebol, e trato de me cuidar, de

³ Na publicação da Zero Hora, o nome do vice-presidente do departamento jurídico do Grêmio está escrito “Luis” e não Luiz, como é a grafia correta do nome dele.

alguma maneira, nesse sentido. Faço muito exercício - abdominais, corro no lugar, essas coisas". (SD27, DIENSTMANN, 22/08/1987).

Como o próprio título da M7 indica "*Cuca escreve cartas com pedidos de perdão*", na entrevista publicada pela *Zero Hora* o atleta informa que escrevia cartas para seus familiares pedindo perdão. Na SD29, os termos "realmente sempre fui uma pessoa muito sensível" e "não consigo deixar de pensar por um momento em tudo que aconteceu" expressam sentidos de que Cuca está sofrendo muito e que se arrepende de ter colocado seus familiares nessa situação. Não há sentidos na matéria de que o jogador tenha se arrependido do estupro.

"Não sei se o fato de estar emprestado ao Grêmio também mexe comigo, mas realmente sempre fui uma pessoa muito sensível, e não consigo deixar de pensar por um momento em tudo que aconteceu". (SD29, DIENSTMANN, 22/08/1987).

Na SD38 da matéria *O desabafo dos quatro acusados* (M9, C), de 29 de agosto de 1987, as expressões "que já serviu à seleção brasileira" e "até marcou o gol da vitória", trazem o sentido de que o jogador Henrique já fez muito pelo Brasil. A vitimização do atleta continua através das palavras "mais magro" e "só falava em saudades da família", demonstrando que ele estava debilitado, mas mesmo assim continuava preocupado com a família. Nesta data da publicação do texto, os jogadores ainda não haviam sido condenados pelo crime de estupro, apenas foram liberados para retornar ao Brasil. A condenação saiu após dois anos, em agosto de 1989.

"O jovem zagueiro gremista Henrique vibrou muito com a sua liberdade. Foram 29 dias de incerteza para este jogador que já serviu à seleção brasileira Júnior (foi campeão em Moscou e até marcou o gol da vitória). Ontem, mais magro, na longa viagem de retorno ao Brasil, ele só falava em saudades da família". (SD38, O DESABAFO DOS, 29/08/1987).

Na continuação da M9 C, a sequência discursiva SD41 traz um apelo do jogador Cuca por clemência em "juro que não fiz nada" e "desabafo logo após sair da prisão". Nos trechos que seguem "28 dias de sofrimento para o jovem", "barba crescida, sinais de abatimento no rosto" e "repetia a todo momento que estava inocente", o sentido transmitido é de um jogador que sofreu muito e está muito debilitado por ter passado por uma acusação de um crime que não cometeu.

"Juro que não fiz nada". Esta foi a primeira frase, um desabafo de Cuca logo após sair da prisão de Berna. Foram 28 dias de sofrimento para o jovem

jogador do Grêmio, recém-contratado do Juventude. Com a barba crescida, sinais de abatimento no rosto, Cuca repetia a todo momento que estava inocente". (SD41, O DESABAFO DOS, 29/08/1987).

Já em relação ao jogador Eduardo, a SD43 da matéria M9 C reforça a dificuldade passada por ele durante a prisão, com as frases "muito difíceis", "jovem atleta", "além dos problemas emocionais" e "sentiu muito a comida e água servida". Há uma insistência da *Zero Hora* para que os leitores sintam pena dos jogadores que foram vítimas de tudo isso e estão abalados emocionalmente.

"Foram momentos muito difíceis para o goleiro Eduardo. O jovem atleta gremista, além dos problemas emocionais causados pela sua prisão, sentiu muito a comida e água servida a ele na prisão de Berna". (SD43, O DESABAFO DOS, 29/08/1987).

Na SD48 da matéria *A história do apartamento 204* (M9, D), de 29 de agosto de 1987, os trechos "confusão", "os três outros jogadores do Grêmio apenas se esconderam" e "brincadeira" passam o sentido de que os jogadores agiram de forma inocente e infantil.

"Começa então a confusão, porque os meninos saíram do quarto, naturalmente, mas os três outros jogadores do Grêmio apenas se esconderam, para fazer uma brincadeira com aqueles que estavam com Sandra, numa das duas camas do apartamento". (SD48, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Isto é reafirmado na continuação da M9 D, através das expressões "escondiam", "para surpreenderem o companheiro e Sandra" e "mas aí houve mais do que uma brincadeira" presentes na SD49, indicando que eles agiram de forma passiva e inocente na história, afinal são jovens e estavam buscando se divertir no intervalo entre os treinos e jogos.

"[...] enquanto os dois acompanhantes de Sandra saíam para o corredor que tem apenas mais três apartamentos além do 204, os outros três jogadores se escondiam no banheiro, para surpreenderem o companheiro e Sandra - o que realmente fizeram, logo em seguida, porque já estava quase na hora da saída para o treinamento. Mas aí houve mais do que uma brincadeira". (SD49, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Na SD57 da matéria *Uma aventura muito cara para o Grêmio* (M9, E), também do dia 29 de agosto de 1987, novamente é enfatizado que Cuca sofreu muito na prisão, por meio dos trechos "inclusive machucou suas mãos e pés batendo nas paredes da cela" e "queria conversar com alguém". As frases expressam o sentido de

que ele estava tão aborrecido que não conseguia se conter e por isso precisou descarregar a tristeza batendo nas paredes. O sofrimento foi tanto que até o juiz percebeu e teve que ajudá-lo, permitindo visitas e um telefonema para a esposa.

“Cuca inclusive machucou suas mãos e pés batendo nas paredes da cela. Ele queria conversar com alguém, em português, pedir ajuda. O juiz Jurg Blaser, que telefonava diariamente para as prisões, acompanhando o comportamento dos detidos, soube desta situação. E permitiu, além das visitas ao jogador, um telefonema de Cuca à sua esposa, Rejane”. (SD57, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Na matéria *Uma recepção festiva, garantem os familiares* (M9, F), de 29 de agosto de 1987, a SD61 traz, na fala do presidente do Grêmio, Paulo Odone, que os jogadores devem ser “recebidos com muito carinho” porque “viveram uma experiência amarga e cansativa”, indicando sentidos de que eles devem ser recompensados por tamanho sofrimento que viveram fora do Brasil.

“Eles tem que ser recebidos com muito carinho por todos nós, aqui do Grêmio, pois viveram uma experiência amarga e cansativa”. (SD61, UMA RECEPÇÃO FESTIVA, 29/08/1987).

Dessa forma, concluem-se as sentenças discursivas da FD1. A partir do próximo tópico, serão apresentadas as SDs da segunda formação discursiva encontrada nos materiais publicados pela *Zero Hora*.

3.2.2 Formação Discursiva (FD2) - Descrédibilização e Culpabilização da Vítima

Como primeiro exemplo desta Formação Discursiva, a sequência SD3, da matéria *Quatro jogadores do Grêmio presos na Suíça* (M1), traz as expressões “garota que provocou o incidente” e “tranquilamente”, indicando literalmente que a “garota”, no caso a criança de 13 anos, foi quem provocou o estupro e que a denúncia feita por ela é desmerecida, pois a “garota” não estava alterada, estava “tranquila” assistindo uma outra partida de futebol. Pela narrativa da primeira publicação sobre o caso no *Jornal Zero Hora*, é possível inferir que a palavra “incidente”, que ocorre por acaso, diz respeito à prisão dos gremistas e não ao ato de violência vivido pela menina.

“Segundo Régis, a garota que provocou o incidente foi vista no estádio ontem, assistindo tranquilamente à partida contra o Neuchâtel Xamax”. (SD3, QUATRO JOGADORES DO, 1/08/1987).

Na matéria *Jornais abrem manchetes* (M3), do dia três de agosto de 1987, a *Zero Hora* diz que o caso começa a ser publicado por jornais ao redor do mundo. A SD5 traz, na fala do secretário de Relações Internacionais do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Ricardo Seitenfus, expressões que desacreditam a vítima. Os termos “preocupa” e “o que considera uma propaganda negativa para os brasileiros” demonstram que não há relevância na denúncia da jovem, apenas no que isso pode resultar para a imagem do Brasil. Tal afirmação é reforçada pela frase “mera fantasia da menina”, publicada entre aspas, o que indica, conforme a linguagem jornalística, que é uma citação literal, de fato falada pelo secretário. Assim, os sentidos expressos são de que a menina, inconsequente, inventou um caso que pode prejudicar os brasileiros.

“A prisão dos quatro jogadores do Grêmio na Suíça preocupa o secretário de Relações Internacionais do Rio Grande do Sul, Ricardo Seitenfuss⁴. Ele passou o dia de ontem ocupado na tentativa de obter esclarecimentos sobre o que considera uma propaganda negativa para os brasileiros, mesmo que tudo não passe de “mera fantasia da menina”” (grifos do autor). (SD5, JORNAIS ABREM MANCHETES, 3/08/1987).

Na sequência discursiva (SD6), ainda da M3, o termo “agressores” também está entre aspas, reafirmando a expressão “mera fantasia da menina” descrita anteriormente. Dessa forma, o trecho passa o sentido de que se é uma fantasia, nenhum dos jogadores é um agressor, desacreditando a denúncia realizada pela vítima, dando o sentido de que não reconhecem os jogadores como agressores, apesar da identificação da vítima. É importante destacar, também, a indicação na matéria de que se trata de uma menina de 14 anos, e que na verdade é de 13, mas essa informação só foi admitida em uma das nove publicações encontradas.

“Enquanto isso, a menina de 14 anos reconheceu, em uma delegacia de polícia, na sexta-feira, os atletas que acusa de a terem violentado. Toda a delegação do Grêmio esteve presente ao local para que pudesse identificar os “agressores”” (grifos do autor). (SD6, JORNAIS ABREM MANCHETES, 3/08/1987).

Na matéria *Os problemas com a lei suíça* (M5), de 9 de agosto de 1987, há, na SD18, uma descredibilização da vítima por conta de sua nacionalidade, através da comparação com os termos “questione a moralidade suíça” e “traficantes

⁴ A grafia correta do nome do secretário de Relações Internacionais do Governo do Estado do Rio Grande do Sul é Ricardo Seitenfus e não Ricardo “Seitenfuss”, como publicado pela *ZH*.

internacionais de cocaína, governantes corruptos e agiotas em geral amam a imunidade conseguida com o segredo bancário da Suíça”. A repetição do nome do país “Suíça” nas duas frases reforça esse sentido, assim como, o uso de crimes severos para caracterizar aquele país como imoral e que por isso não se pode confiar na denúncia.

“Há quem questione a moralidade suíça, pois é naquele país que estão os maiores bancos mundiais [...]. Traficantes internacionais de cocaína, governantes corruptos e agiotas em geral amam a imunidade conseguida com o segredo bancário da Suíça”. (SD18, SILVA, 9/08/1987).

Na matéria *Como o caso é visto em Berna* (M6, A), de 19 de agosto de 1987, a SD21 evidencia que as mulheres suíças são pervertidas, por meio dos trechos: “As meninas estão liberadas para o sexo aos 16 anos, mas muitas já fazem com 13” e “leva o amigo, o namorado para casa e tudo bem com os pais, que aceitam isso com naturalidade”. Assim, a publicação passa um sentido de justificativa, já que naquele país é normal que meninas de 13 anos, como Sandra, mantenham relações sexuais ainda que fosse proibido.

“As meninas estão liberadas para o sexo aos 16 anos, mas muitas já fazem com 13, 12. E aqui não há motéis: a menina leva o amigo, o namorado para casa e tudo bem com os pais, que aceitam isso com naturalidade”. (SD21, COMO O CASO, 19/08/1987).

Na SD25 da matéria *Ingenuidade* (M6, B), também de 19 de agosto de 1987, as palavras “parece” e “houve duas vinganças” demonstram que havia muita especulação sobre o Caso. A tentativa de justificar o acontecido trazendo possíveis causas que levaram a menina a denunciar reforçam a culpabilização da vítima. A frase “teria aproveitado para levar Sandra a polícia com a finalidade de provar que a mãe da menina é incompetente para cuidar dela” passa um sentido de que a família da garota, assim como ela, é imoral, pois estava usando os jogadores do *Grêmio* para seus interesses próprios.

“No caso da jovem Sandra, parece também que houve duas vinganças: de um namorado ciumento que relatou os acontecimentos do apartamento 204 ao pai da menina, Rolf Pfaffli, e do próprio Rolf, que teria aproveitado para levar Sandra a polícia com a finalidade de provar que a mãe da menina (com a qual está em processo de separação litigiosa) é incompetente para cuidar dela”. (SD25, INGENUIDADE, 19/08/1987).

Na matéria do dia 29 de agosto de 1987, *A história do apartamento 204* (M9 D), há uma tentativa da *Zero Hora* de ironizar o caso. Os trechos “De que maneira Sandra chegou ao segundo andar”, “com dois "bursche", rapazinhos, "ragazzi"” e “freund”, amigo, namoradinho?” passam o sentido de que não há seriedade no caso e na menina. A brincadeira com as palavras infantiliza a garota e debocha do acontecimento.

“De que maneira Sandra chegou ao segundo andar do Metrópole, com dois "bursche", rapazinhos, "ragazzi" em italiano, um deles seu "freund", amigo, namoradinho? Ela tinha quatro caminhos, nesse sentido”. (SD45, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Buscando solucionar o caso, a SD46, da mesma matéria, aponta possíveis trajetos feitos pela garota até o quarto, sempre destacando que ela precisou ser muito esperta para chegar até lá. As expressões “bastaria que Sandra e seus amigos ficassem atentos”, “bastaria Sandra pretextar uma ida ao banheiro” e “É tanta opção para a entrada e saída que a recepção do Metrópole informa que muito hóspede consegue sair sem pagar a conta inclusive” passam o sentido de que ela não foi ao quarto de forma passiva, que era “esperta” e, ao compará-la com hóspedes que não pagam a conta, indica que ela também é uma pessoa sem moral.

“Um deles é o elevador da portaria, e outro a escadaria, direto aos quartos, nos dois casos, e ambos a sete metros das recepcionistas (que podem ver o elevador, mas não as escadarias, encobertas por uma curva parede). O terceiro meio seria o elevador de serviço, que sai do restaurante no térreo direto para os quartos: bastaria que Sandra e seus amigos ficassem atentos, esperassem uma oportunidade, e subissem. E a quarta opção é o bar do primeiro andar, um local público, com um banheiro na frente do elevador, também direto para os quartos. Bastaria Sandra pretextar uma ida ao banheiro, e em vez disso entrar pela porta na frente do elevador. É tanta opção para a entrada e saída que a recepção do Metrópole informa que muito hóspede consegue sair sem pagar a conta inclusive”. (SD46, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Na sequência discursiva SD50, ainda da matéria *A história do apartamento 204* (M9 D), os adjetivos utilizados para caracterizar uma fonte indicam seriedade: “A senhora Kley é alta, muito magra, e veste branco”. Através dessa descrição, é possível reconhecer uma mulher séria e trabalhadora. Assim, a continuação da SD com as palavras “eloquente na defesa” expressa o sentido de que se uma pessoa tão séria consegue convencê-los da inocência dos jogadores, é porque eles são realmente inocentes.

“A senhora Kley é alta, muito magra, e veste branco. Ela é a chefe das camareiras do Metrópole, e chega a ser eloquente na defesa dos quatro jogadores do Grêmio”. (SD50, DIENSTMANN, 29/08/1987).

A sequência seguinte (SD51) na M9 D traz o relato de uma das funcionárias da Senhora Kley, na frase “não ouviu sinal de violência”. Ela, que já foi colocada anteriormente pela publicação em um papel de autoridade sobre o assunto, continua com “se essa Sandra queria alguma coisa num apartamento com jogadores, não era certamente só uma camiseta, não é?” e “eu sou uma mulher de 40 anos, mas não fico entrando em apartamento de homem assim de graça”, indicando que a culpa do ocorrido é da jovem, já que foi ela quem procurou os jogadores.

“A moça da limpeza dos apartamentos desse setor conta que não ouviu sinal de violência - batidas, gritos, ou coisas assim - naquele horário daquele dia - começa a Senhora Kley. - Além disso, se essa Sandra queria alguma coisa num apartamento com jogadores, não era certamente só uma camiseta, não é? Olhe, eu sou uma mulher de 40 anos, mas não fico entrando em apartamento de homem assim de graça”. (SD51, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Na SD52 novamente há uma culpabilização da vítima, também lembrada por uma funcionária da Senhora Kley. Os termos “Mas não sabia que isso é proibido? Não é proibido para mim - respondeu Sandra, mostrando uma camisa do Grêmio” indicam o sentido de que a garota era atrevida, desaforada e petulante.

“Uma das recepcionistas da tarde do dia 30 lembra o diálogo que teve com a jovem suíça quando ela desceu direto à frente da recepção, pelo elevador. - De onde você vem? Do apartamento 204. Mas não sabia que isso é proibido? Não é proibido para mim - respondeu Sandra, mostrando uma camisa do Grêmio, e saindo direto do Metrópole [...]”. (SD52, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Para finalizar a matéria *A história do apartamento 204* (M9 D), a sequência discursiva SD54 traz o posicionamento do relações públicas da multinacional Philips, Urs Hoffer, que reforça a descrença de que a menina tenha sido estuprada e passa a descrevê-la pejorativamente.

“Mas o que surpreende Urs Hoffer, [...] é que no dia seguinte à denúncia de estupro, Sandra parecia muito bem: - [...] E na tarde daquele dia, ela estava novamente no jogo do Grêmio, com a boca pintada demais, o cabelo absurdo, de "jeans", uma camiseta amarela do Young Boys de Berna, e torcendo, muito faceira”. (SD54, DIENSTMANN, 29/08/1987).

Os trechos, acima, “surpreende”, “no dia seguinte à denúncia de estupro, Sandra parecia muito bem”, “na tarde daquele dia” e “novamente no jogo do Grêmio, com a boca pintada demais, o cabelo absurdo, de "jeans", uma camiseta amarela do Young Boys de Berna, e torcendo, muito faceira”, indicam que a jovem seguia a vida normalmente enquanto os jogadores estavam sendo acusados pelo crime. A super adjetivação da garota reforça que ela é promíscua, subentende-se que estava caçando novas vítimas e que mesmo tendo sido violentada ela estava bem e feliz.

Finalmente, as duas formações discursivas, explicitadas neste capítulo, permitiram inferir e ao mesmo tempo constatar que a cobertura da *Zero Hora*, ocorrida no ano de 1987, reforçou a culpabilização da vítima de violência sexual e construiu um discurso de inocência dos quatro jogadores de futebol do *Grêmio*. Isso possibilitou identificar que uma das formações discursivas reuniu mais sequências discursivas que a outra, sendo 24 FDs de vitimização dos Jogadores e 19 de descredibilização e culpabilização da vítima.

Além disso, propiciou reconhecer que o objetivo do jornal com as matérias foi o de se colocar ao lado dos jogadores, trazendo elementos textuais e entrevistas para justificar o crime, culpar a vítima e inocentar os estupradores, que em momento algum são tratados dessa forma. É preciso considerar que neste período histórico em que o crime ocorreu, 1987, leis de proteção contra casos de violência de gênero não existiam no Brasil e que a criança não possuía um estatuto que reconhecesse sua vulnerabilidade. É imprescindível destacar também, que entre 2017 e 2020, segundo levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), mais de 100 crianças e adolescentes com até 14 anos foram estupradas por dia no Brasil (FUNDO DAS NAÇÕES, 2021, pág. 50). O dado divulgado em 2021 reforça uma cultura que, ainda, parece ser ‘naturalizada’ no país.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de compreender o discurso construído pela *Zero Hora* sobre o caso *Berna*, evento que ocorreu há aproximadamente 35 anos, esta pesquisa analisou os materiais publicados pelo veículo de imprensa gaúcho nos dias seguintes ao acontecimento. Em 1987, os jornais impressos tinham ainda mais relevância que nos dias atuais, pois não precisavam dividir espaço com aparelhos tecnológicos que compartilham informações instantaneamente. Para contextualizar esta afirmação, dados do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), trazem a estimativa de que em 1989, dois anos após o Caso estudado neste trabalho, a *ZH* tinha uma média de tiragem de 130 mil exemplares de segunda a sexta-feira e de 260 mil aos domingos (VERBETE ZERO HORA, s/d, s/p), enquanto em 2021, conforme pesquisa realizada pelo grupo de comunicação jornalística Poder 360, a tiragem diária da empresa foi de apenas 46 mil (YAHYA, 2022). Dessa forma, buscou-se entender como a *Zero Hora* retratou o crime cometido pelos quatro jogadores do *Grêmio* nos primeiros 29 dias após a prisão deles em Berna, na Suíça, em um momento em que suas publicações tinham significativa visibilidade no Rio Grande do Sul.

Inicialmente, foi necessário mapear as publicações realizadas pela *ZH*, no entanto, o acesso ao acervo próprio só seria possível mediante pagamento e sem previsão de entrega. Como este é um grande exemplo negativo de cobertura jornalística, coincidentemente, a jornalista Renata de Medeiros recuperou algumas dessas publicações e as divulgou livremente na internet, por meio da rede social *Twitter*, em janeiro de 2021. Material que foi utilizado para realizar a análise empírica deste estudo.

Como referencial teórico para sustentar a análise, foi preciso estabelecer relações entre os campos do jornalismo e da história, a fim de compreender qual era a relevância destas publicações após três décadas do ocorrido. Neste sentido, os estudos de Barbosa (2019) e de Romancini (2007) foram fundamentais para evidenciar que o jornalismo é uma importante ferramenta de rememoração dos acontecimentos, indispensável para o entendimento daquele momento devido a sua proximidade com o pensamento do senso comum. Esse vínculo é comprovado pelas teorias publicadas por Meditsch (1997; 2010), sobretudo, no que se refere ao tipo de

conhecimento produzido pelo jornalismo. Justamente por operar no senso comum, muitas vezes há quem considere que o jornalismo não produz conhecimento, mas ele é essencial para auxiliar a população a compreender a realidade.

Sendo assim, a metodologia escolhida buscou analisar o discurso estabelecido pela *Zero Hora* para contar o *caso Berna* para a sua audiência. Nas nove publicações encontradas foi possível observar 61 sequências discursivas (SDs) que resultaram em duas formações discursivas (FDs). A FD1 reuniu 24 SDs em que a vitimização dos jogadores pela *ZH* é predominante. Entre os sentidos expressos pelos trechos das matérias estão a defesa da moral, a infantilização dos jogadores e a negação incansável do ocorrido.

Já a FD2 expôs 19 sequências discursivas que apontam para a descredibilização e culpabilização da vítima. Além de responsabilizar a garota pelo ocorrido, as publicações da *Zero Hora* apresentam sentidos de que ela era dissimulada, petulante, desaforada e promíscua.

Dessa forma, fica evidente a parcialidade do discurso de *ZH* na cobertura do Caso, fazendo com que muitos leitores ainda hoje não reconheçam os jogadores como culpados pelo ocorrido. Tanto a escolha do enquadramento, quanto das fontes construíram um discurso em que os atletas do *Grêmio* são considerados vítimas das “artimanhas” da menina e de um país culturalmente diferente do Brasil. Inicialmente, para contextualizar suas publicações, o veículo de imprensa ouviu os dirigentes do clube e com o passar dos dias, trouxe relatos dos familiares, de autoridades, de trabalhadoras do hotel em que tudo aconteceu e até mesmo dos jogadores, quando ainda estavam dentro da prisão. Todas as declarações publicadas tinham versões semelhantes e posicionadas a favor dos atletas.

Em nenhuma das nove publicações encontradas há um posicionamento favorável a garota, ao contrário, em todas as vezes que ela foi citada seu nome aparecia associado a comentários que descredibilizavam a denúncia ou a culpavam pelo ocorrido. Além disso, apenas em uma publicação, na coluna do jornalista Juremir Machado, a *Zero Hora* admite que a menina tinha 13 anos. Mesmo que esta fosse realmente a idade dela, as demais publicações a retrataram com 14 anos ou como

uma jovem ou mulher, a fim de amenizar o crime cometido pelos jogadores para com ela.

Sabendo que um jornalista e um fotógrafo da empresa foram enviados para a cidade de Berna para acompanhar o andamento do Caso de perto, é possível afirmar que a *Zero Hora* omitiu ou distorceu propositalmente uma informação e/ou escolheu passar um dado incorreto para seus leitores. Ainda que naquele momento não existissem leis de proteção à criança e ao adolescente no Brasil, há um impacto menor representá-la com 14 anos ao invés de 13, sobretudo porque os quatro jogadores já tinham mais de 20 anos quando tudo ocorreu.

Como se não bastasse, as publicações revelam que houve uma forte perseguição a garota, que mesmo sendo menor e protegida pelas leis suíças teve sua privacidade invadida por diversas vezes pelos repórteres da *ZH*. Sandra teve fotos divulgadas em publicações do jornal ainda nos primeiros dias após a denúncia. Publicações estas que ao tratarem da garota faziam questão de demonstrar que ela estava bem, feliz, sorrindo, arrumada, maquiada, como se essas informações justificassem o enquadramento de que nada tivesse acontecido.

Enquanto as publicações retratavam Sandra “curtindo livremente pelas ruas”, os jogadores eram apresentados em sofrimento, sempre como vítimas. A construção da imagem dos quatro atletas -e em especial do Cuca- buscou reforçar que eles estavam muito arrependidos por terem causado tanto sofrimento para seus familiares, evidentemente por conta da prisão e não pela violência sexual cometida contra a menina de 13 anos.

Conforme o trecho de uma publicação do dia 29 de agosto de 1987 destaca, “no dia seguinte à denúncia de estupro, Sandra parecia muito bem: [...] E na tarde daquele dia, ela estava novamente no jogo do Grêmio, com a boca pintada demais, o cabelo absurdo, de "jeans", uma camiseta amarela do Young Boys de Berna, e torcendo, muito faceira” (DIENSTMANN, 1987). A super adjetivação da garota confirma a narrativa criada pelo jornal sobre a vítima, reforçando que a adolescente provocou e consentiu a violência.

Ainda na publicação de 29 de agosto, dia em que os jogadores foram soltos e retornaram ao Brasil, é reconhecido que os atletas mantiveram relações sexuais com

uma garota menor de 16 anos, no entanto, em momento algum, o fato de isto ser um crime é questionado pela *ZH*. Ao tratar do ocorrido, o jornal sempre impôs uma justificativa pelas diferenças culturais entre os países, assim como, uma especulação para além do trabalho jornalístico.

De acordo com Benetti (2016, pág. 241) “todo discurso se faz na tensão entre o retorno ao mesmo e a tendência à ruptura. [...] Ao movimento da repetição dá-se o nome de paráfrase; ao movimento de deslocamento, abertura de sentidos, ruptura dos processos de significação, dá-se o nome de polissemia”. Dessa forma, fica evidente que a utilização constante da repetição de termos e enquadramentos (paráfrases) nas publicações da *Zero Hora* foi determinante para que os sentidos passados por ela fossem apenas os encontrados nesta análise. O veículo jornalístico manteve o mesmo discurso durante os 29 dias, acrescentando pouca informação sobre o crime e demonstrando o quanto os jogadores gremistas estavam sendo injustiçados.

Segundo Meditsch (1997), ao contrário do que muitos afirmam, os veículos jornalísticos produzem sim conhecimento na medida em que fazem com que informações relevantes sejam compreensíveis às massas. “Como toda outra forma de conhecimento, aquela que é produzida pelo Jornalismo será sempre condicionada histórica e culturalmente por seu contexto e subjetivamente por aqueles que participam desta produção. Estará também condicionada pela maneira particular como é produzida” (MEDITSCH, 1997, pág. 10). Assim, é possível dizer que os materiais produzidos pela imprensa trouxeram aspectos inéditos sobre o *Caso*, uma vez que a linguagem utilizada pela *ZH* contextualiza o momento histórico em que o Brasil estava, assim como, as limitações do país enquanto sociedade, normas e leis em relação a mulher.

Deste modo, este Trabalho de Conclusão de Curso buscou demonstrar a capacidade do jornalismo de se constituir como uma forma de conhecimento social e, para além disso, na potencialidade dele enquanto registro de uma história imediata. A partir da dimensão empírica dos conteúdos produzidos pela *Zero Hora* sobre o *Caso*, foi possível perceber a relação entre jornalismo e história, evidenciando que a imprensa tem o poder de se estabelecer como uma forma de conhecimento da história, assim como, uma fonte de pesquisa histórica sobre a representação da mulher naquele período específico.

Ainda que tenham se passado mais de 30 anos desde o ocorrido, é preciso falar sobre o tema visto que o jornalismo desempenha um papel significativo na construção e manutenção das representações sociais, em especial, em relação à mulher. Para que trechos como “Nádia é pequena, tem um rosto anguloso, bonita e conta que nesse tempo nunca “levou uma cantada” na Suíça” (COMO O CASO, 1987) não voltem a representar a mulher no jornalismo brasileiro -e na sociedade como um todo- é preciso sempre recordar os erros cometidos durante a história. Assim, este estudo é importante para o Jornalismo pois demonstra o papel da imprensa enquanto memória viva sobre determinado acontecimento do passado.

Já para mim, este estudo foi indispensável para compreender como um evento de 35 anos atrás marca a história do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* ainda nos dias de hoje. Infelizmente, sabemos que os direitos das mulheres sempre estão ameaçados pela cultura machista ainda presente em nossa sociedade. Assim, entender a história e a participação do jornalismo na construção social da realidade é essencial para perceber a responsabilidade que os jornalistas têm sobre as informações noticiadas. Precisamos garantir que as mulheres tenham tanto espaço na imprensa quanto representam na população brasileira, pois este pode ser um dos caminhos para a igualdade plena na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

AINDA PRESOS. **Matéria 2 (M2)**. 2 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342750442377217/photo/1>. Acesso: 16/10/2021.

BARBOSA, Marialva Carlos. **Comunicação e história: confluências**. 2019. Universidade Tuiuti do Paraná. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/5044/504459802002/504459802002.pdf>. Acesso: 10/03/2022.

BENETTI, Marcia. Análise de Discurso como Método de Pesquisa em Comunicação. In **Pesquisa em Comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Rio Grande do Sul: Editora EDIPUCRS, 2016.

COMO O CASO é visto em Berna. **Matéria 6 A (M6, A)**. 19 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342761758593027>. Acesso: 16/10/2021.

DIENSTMANN, Claudio. **A história do apartamento 204. Matéria 9 D**. 29 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342776858103809>. Acesso: 16/10/2021.

DIENSTMANN, Claudio. **Cuca escreve cartas com pedidos de perdão. Matéria 7 (M7)**. 22 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342768687603719>. Acesso: 16/10/2021.

DIENSTMANN, Claudio. **Uma aventura muito cara para o Grêmio. Matéria 9 E**. 29 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342776858103809>. Acesso: 16/10/2021.

DORNELLES, Roberto Anderson. **Acontecimento e história nas páginas da revista Veja**: uma análise das reportagens sobre o primeiro governo da ditadura civil-militar argentina (1976-1981). 2011. Dissertação – PPGCOM/UFRGS, Porto Alegre.

FUNDO DAS NAÇÕES Unidas para a Infância (UNICEF). **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf>. Acesso: 10/12/2021.

INGENUIDADE. **Matéria 6 B (M6, B)**. 19 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342761758593027>. Acesso: 16/10/2021.

JOGADORES DO GRÊMIO causam preocupação aos familiares. **Matéria 4 (M4)**. 4 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342756389875714/photo/1>. Acesso: 16/10/2021.

JOGADORES, LIVRES E de volta à casa. **Matéria 9 A (M9, A)**. 29 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342776858103809>. Acesso: 16/10/2021.

JORNAIS ABREM MANCHETES. **Matéria 3 (M3)**. 3 de agosto de 1987. Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342750442377217>. Acesso: 16/10/2021.

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** 1997. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso: 03/11/2021.

MEDITSCH, Eduardo. **Jornalismo e construção social do acontecimento**. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia P. S. (orgs.). *Jornalismo e Acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010, p.19-42.

O PROCESSO VAI continuar. **Matéria 9 B (M9, B)**. 29 de agosto de 1987.

Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342776858103809>.

Acesso: 16/10/2021.

O DESABAFO DOS quatro acusados. **Matéria 9 C (M9, C)**. 29 de agosto de 1987.

Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342776858103809>.

Acesso: 16/10/2021.

QUATRO JOGADORES DO Grêmio presos na Suíça. **Matéria 1 (M1)**. 1 de agosto de 1987. Disponível em:

<https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342744884908037>. Acesso:

16/10/2021.

ROBINHO CONDENADO ESTUPRO. **Robinho é condenado em última instância pela Corte italiana por estupro coletivo**. Gaúcha ZH, 2022. Disponível em

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2022/01/robinho-e-condenado-em-ultima-instancia-pela-corte-italiana-por-estupro-coletivo-ckylplejf004701fftxbpxws5.html>. Acesso: 10/04/2022.

ROMANCINI, Richard. **História e Jornalismo**: reflexões sobre campos de pesquisa. 2007. Trabalho apresentado ao NP 02- Jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Disponível em

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/122249574361870493823267864101513504895.pdf>. Acesso: 15/03/2022.

SANDRA FESTEJA COM o Young Boys. **Matéria 8 (M8)**. 24 de agosto de 1987.

Disponível em: <https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342768687603719>.

Acesso: 16/10/2021.

SILVA, Juremir Machado da. **Os problemas com a lei suíça. Matéria 5 (M5)**. 9 de agosto de 1987. Disponível em:

<https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342756389875714/photo/1>. Acesso: 16/10/2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Editora Insular, 2 ed. Volume I, 2005.

UMA RECEPÇÃO FESTIVA, garantem os familiares. **Matéria 9 F (M9, F)**. 29 de agosto de 1987. Disponível em:

<https://twitter.com/rmedeirosrenata/status/1348342776858103809>. Acesso: 16/10/2021.

VERBETE ZERO HORA. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)**. S/D. Disponível em

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/zero-hora>. Acesso: 16/05/2022.

YAHYA, Hanna. **Jornais em 2021: impresso cai 13%; digital sobe 6%**. Poder 360. 01/02/2022. Disponível em <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-em-2021-impresso-cai-13-digital-sobe-6/>. Acesso: 16/05/2022.

APÊNDICE A – LINK MAPEAMENTO DE SENTIDOS - ZH

Mapeamento de sentidos do Jornal Zero Hora. Disponível no Drive (copiar e colar o link no navegador):

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/11xHOw6WsAZ9DWqA2iQwf9tAOWMukCJkQ/edit?usp=sharing&ouid=106316371555473687294&rtpof=true&sd=true>.